

**O ÚLTIMO CABALISTA DE LISBOA: MEMÓRIA E JOGOS AUTORAIS<sup>1</sup>**  
**THE LAST KABBALIST OF LISBON: MEMORY AND AUTHORSHIP GAMES**

Marli Silva Fróes<sup>2</sup>

*Talvez seja tempo de estudar os discursos não somente pelo seu valor expressivo ou pelas suas transformações formais, mas nas modalidades da sua existência: os modos de circulação, de valorização, de atribuição, de apropriação dos discursos variam com cada cultura e modificam-se no interior de cada uma: a maneira como se articulam sobre relações sociais decifra-se de forma mais directa, parece-me no jogo da função autor e nas suas modificações do que os temas ou nos conceitos que empregam (FOUCAULT, 1992, p. 68-69).*

RESUMO: Pretendeu-se analisar a arquitetura de *O último cabalista de Lisboa* (livro do escritor Richard Zinler) e os contratos estabelecidos com o leitor, como elementos que compõe os jogos autorais, para se problematizar a memória, na sua relação com a morte, elemento alegórico instaurador de sentidos. Para tal empreendimento, associamos as reflexões propostas por Michel Foucault, no que se refere à autoria, e buscamos as contribuições de Walter Benjamim, Huysen, Márcio Seligmann-Silva e outros autores. Problematicamos, ainda, nesse texto, o contexto histórico correspondente ao massacre dos Judeus, em 1506, de que forma o passado é retomado na escrita desse escritor americano.

PALAVRAS-CHAVE: *O último cabalista de Lisboa*. Jogos autorais. Arquitetura textual. Memória.

### **Introdução: a propósito das apresentações: o livro, a autor e o judeu**

Propomos, nesse artigo analisar a arquitetura do texto de *O último cabalista de Lisboa*, os textos periféricos (agradecimentos, nota histórica, nota do autor, prefácio, Capítulo XXI ou Pós-fácio) como margens textuais tão importantes quanto à própria trama; uma vez que se instituem como jogos autorais e contratos prévios com os leitores; para a recepção de certos elementos, peças-chaves, para orientar o “quebra-cabeças” de Richard Zinler<sup>1</sup>. Esse Romance pode ser lido tal qual o Talmude, um objeto-livro que simula o inacabado, a leitura suscetível de re - leituras, re-interpretações e das re-escrituras. Esses jogos autorais, por sua vez, estão a serviço de uma problematização bastante contemporânea: a memória na sua relação com a morte - elemento alegórico - para se pensar a chamada civilização ocidental.

*O último Cabalista de Lisboa*<sup>3</sup> (1996) é o primeiro livro do chamado Ciclo sefárdico de Richard Zimler<sup>4</sup>, ao qual se seguem os romances *Unholy Ghosts* (1996), *Trevas da Luz*

<sup>1</sup> Texto dedicado às professoras Dras. Terezinha Scher e Maria Luiza Scher. (UFJF) – e-mail: marli.froes@gmail.com

<sup>2</sup> Docente da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES); doutoranda do Programa de Estudos literários da Universidade Federal de Juiz de Fora - MG

<sup>3</sup> O livro foi traduzido em mais de dez idiomas, tornando-se best seller em onze países, incluindo Estados Unidos, Inglaterra, Itália, Brasil e Portugal.

<sup>4</sup>Richard Zimler afirma, em entrevista, ter escrito o último cabalista de Lisboa quando muda para Portugal e descobre que o massacre de 1506, além de pouco mencionado na História, era pouco conhecido pelo seu ciclo de *Revista Literatura em Debate* V.3, n.4, p. 74-89, 2009

(1998), *Meia Noite ou O Princípio do Mundo* (2003), *Goa ou o Guardião da Aurora* (2005) e *A procura de Sana* (2006). O livro aborda, dentre outros temas, o episódio histórico do Massacre de Lisboa, iniciado em 19 de abril de 1506, também conhecido como Pogrom de Lisboa ou Matança da Páscoa de 1506, que tem precedentes históricos, também violentos<sup>ii</sup>. Esse episódio sucedeu à conversão forçada dos judeus em Portugal (1497), durante o reinado de D. Manuel. A população católica de Lisboa, sob o comando dos padres dominicanos, provoca um motim e assassina cerca de 4000 judeus.<sup>iii</sup> O fato caiu no esquecimento, não está registrado nos livros de História, poucos historiadores fazem referência ao episódio, que é retratado na literatura, tão somente, por Damião de Góis<sup>iv</sup>, Alexandre Herculano, Oliveira Martins, Garcia de Resende, Salomon Ibn Verga e Samuel Usque.

*O último cabalista de Lisboa* é considerado um Romance histórico, que mistura fatos reais a fictícios, remontando o século XVI, cuja ação decorre em 1506 entre os judeus forçados à conversão. No entanto, a grande maioria desses judeus, secretamente, vive o judaísmo, um desses criptojudeus, na narrativa, é o patriarca Abrão Zarco; componente do núcleo principal de uma família de cristãos novos, residentes em Alfama; iluminador, membro da célebre escola cabalística de Lisboa, que foi assassinado. Junto a seu corpo é encontrado um corpo de uma jovem nua; questão que compõe também uma cadeia de mistérios na obra:

Adentrei. O fedor forte e seco de lavanda e excrementos invadiu-me as narinas. Fitei dois corpos nus banhados de sangue. O tio e uma moça. Estavam deitados a poucos centímetros um do outro, ela de lado, ele de costas. Suas mãos quase se tocavam. Como se seus dedos entrelaçados houvessem deslizado após serem absorvidos pelo sono. [...] Os pescoços e os torsos estavam marcados por faixas líquidas de coloração marrom [...] dois pedacinhos de peles haviam sido arrancados de um corte profundo e ainda úmido de sangue em seu pescoço (ZINLER, 2007, p. 69-70).

O sobrinho de Abrão Zarco, o personagem-narrador, Berequias, é uma voz testemunhal, que, na trama, percorre diversas pistas para descobrir quem foi o assassino de seu tio. E o leitor, ao participar desse ato investigativo, dos mistérios, envolve-se em um instigante romance policial, “um quebra-cabeça”, difícil de ser montado. Mais importante que descobrir quem foi o assassino é buscar o significado desse assassinato; questão a ser tratada posteriormente.

Berequias narra os fatos, vinte e três anos<sup>v</sup> depois, por isso representará a voz da coletividade, a ação contra o esquecimento, a desnudar as “sombras” e os “fantasmas” da

---

amizades, em Portugal. Resolve, então, “dar voz aos perdedores da história”. Cf. [www.storm-magazine.com/novodb/arqmais.php?id=14r&sec=&secn=/](http://www.storm-magazine.com/novodb/arqmais.php?id=14r&sec=&secn=/); ou ainda, página oficial de Richard Zinler: <http://www.zimler.com>

História do povo judeu, do seu *ethos* e complexidades. *O último Cabalista de Lisboa*<sup>5</sup> é uma obra que orienta para a pergunta: o que é o judeu? Se a resposta não é algo estável, o personagem Berequias Zarco já assinala uma reflexão: “Pois o judeu não é, de modo algum, a criatura simples que os cristãos sempre quiseram nos fazer acreditar. E um judeu herético nunca é tão sincero como alegam nossos rabinos. Somos todos suficientemente profundos e abertos para abarcar em nossas almas um fluxo de paradoxos e enigmas” (Id. Ibid. 23-24).

A propósito de uma leitura do que é o povo judeu hoje, é digna de nota a preciosa reflexão do Professor Henrique Rattner (2004, p. 1). Para esse estudioso é problemático definir o que é o judeu, quais seriam seus atributos, mesmo após a criação do Estado de Israel, pergunta-se quem é o judeu: “seria um grupo étnico, uma nacionalidade, uma religião, ideologia ou estilo de vida?”.

Rattner acrescenta que no século XX, com as emigrações para o novo-mundo, o judaísmo norte-americano passa a tornar-se imperante. A cultura norte-americana passa a ser o paradigma, uma vez que as organizações representativas da coletividade judaica mundial trazem como características o conservadorismo político, a afluência econômico-financeira, próprios do modelo americano, reforçado pelos consórcios financeiros entre os judeus, Casa Branca e o Congresso norte-americano.

A História recente mostra-nos que desde a fundação do Estado de Israel, em 1948, as relações desse Estado e os judeus em diásporas são ambíguos, o retorno não trouxe os efeitos esperados, uma vez que boa parte dos povos dispersos se recusou a retornar. Assistimos, na sociedade israelense, ao reforço de antigos cismas entre liberais e conservadores, judeus secularizados e ortodoxos. O *ethos* da sociedade israelita, conforme Rattner, é caracterizado por um modo de vida materialista-hedonista, próprio das sociedades neoliberais. Dessa forma, “a dificuldades de absorção e integração desses grupos, agravados pela resistência do setor ortodoxo de reconhecer a ‘judaicidade’ desses imigrantes, mormente daqueles oriundos de casamentos mistos, estimularam os preconceitos e suscitaram situações de conflito que atravessam as linhas de divisão de etnias de classes social” (RATTNER, 2004, p. 2).

Apenas um terço dos judeus vive em Israel, e esses “repatriados”, a grande maioria não compartilha a mesma cultura. Sendo uma minoria que considera a religião o critério cultural, torna-se difícil definir o que é o judeu.

Concordamos com Rattner, que a melhor definição para o povo judeu está na expressão ‘uma comunidade do destino’, considerando as diversas comunidades espalhadas

---

<sup>5</sup> De agora para frente OUCL.

pelo mundo, e suas infinitas diásporas. E que destino seria esse? Entende-se por destino a História remota e a recente. Para o autor, o destino dos judeus estaria em nossas mãos, sendo necessário “redefinir as relações entre Israel e a diáspora”, a fim de manter a coesão e solidariedade, tão vitais à sobrevivência. Rattner acrescenta que o futuro do povo judeu está intrinsecamente ligado ao futuro da democracia mundial. Único sistema capaz de conferir a liberdade ao indivíduo, o direito à cidadania, com base nos direitos humanos. A alternativa então é construir “uma sociedade livre, pluralista, aberta e democrática, consciente e ciosa de seu legado histórico e espiritual, das tradições e raízes humanistas ancorados na justiça social” (Id. Ibid. p. 4).

Ao se pensar o “lugar” do judeu hoje, o *best-seller*, em estudo, é um texto que atua na emergência, porque permite pensar não só o povo judeu, mas a conjuntura que envolve as civilizações. O discurso literário em questão surge - paralelo aos discursos oficiais, aos discursos da ciência - como um saber singular, sujeito<sup>vi</sup>, que não tem nada de ingênuo, uma vez que Zinler opta por uma forma arquitetural de seu texto, que deve ser lida, tão argutamente, quanto se debruça sobre a trama. A literatura de Zinler está livre para “dizer”, e conforme o próprio autor deseja, *OUCL* pode ser lido, tal qual uma cabala, em quatro níveis: literal, alegórico, ético e místico.

### **A arquitetura textual e os jogos autorais**

O texto abre com agradecimentos a pessoas da relação do autor, comprováveis de ser reais. Logo, na sequência, na nota histórica, há a menção à expulsão dos judeus na Espanha por D. Fernando e a Rainha Isabel e a subsequente ação de Dom Manuel de Portugal. Em meio à retomada histórica, já se apresenta o criptojudeu Berequias Zarco -narrador da história- elemento utilizado para garantir a verossimilhança e também um contrato com o leitor. Observa-se um fato histórico atrelado ao elemento ficcional, no caso o personagem Berequias.

Na sessão seguinte, temos o título *Nota do autor*, seguido do subtítulo *A descoberta do manuscrito de Berequias Zarco*. Essa descoberta é o fato desencadeador da escrita do livro. Não se sabe o limite entre ficção e História. Tem-se, nessa sessão, uma história da/para história, em jogo com a História oficial. Há que se ressaltar que a descoberta desses manuscritos já antecipa o imaginário do leitor e a experiência com o elemento “mistério”.

A voz que se apresenta como “autor”, narra que - em ocasião quando fora estudar sobre a poesia sefardita, em Istambul - ficara hospedado em uma casa de propriedade de um Revista Literatura em Debate V.3, n.4, p. 74-89,2009

descendente judeu - Abraham Vital- herdada, por sua vez, de outro judeu, Ayaz Lugo. Essa casa estava em reforma, o que permitiu a descoberta de um esconderijo secreto, no porão:

Dentro do esconderijo havia um tik, a pequena arca cilíndrica em que os judeus sefarditas guardavam a Torá, os primeiros cinco livros do Velho Testamento. Decorada com uma elaborada filigrana de prata e pavões esmaltados, revelou conter não uma Torá, mas uma coleção de manuscritos encadernados em couro, nove ao todo. [...] reparei que todos os manuscritos exibiam uma assinatura cuidadosa, em forma de íbis egípcia, de um homem de nome Berequias Zarco. [...] pode se afirmar que foram escritos no decorrer de vinte e ter anos, de 5267 a 5290 do calendário hebraico, ou seja, de 1507 a 1530 d.C (ZINLER, 2007, p. 11).

A assinatura Berequias Zarco e as datas imprimem credibilidade ao “documento”, e por sua vez, espera-se do leitor uma colaboração no sentido de tomar os fatos como reais.

Conforme o narrador da “nota do autor”, esses manuscritos consistiam em seis tratados que versavam sobre vários aspectos da cabala, da filosofia mística: “Entre os textos cabalísticos mais conhecidos estão o Bahir e o Zohar” (Id. Ibid, 2007, p. 11); manuscritos históricos, que, além de mencionar o Massacre de Lisboa de abril de 1506, também:

Narra a história da família de Berequias durante os trágicos acontecimentos de abril de 1506. Contam, em particular, a caça de Berequias ao assassino de seu amado tio Abraão, um célebre cabalista provavelmente responsável por algumas das obras da escola de Lisboa, até hoje consideradas anônimas, incluindo, por motivos que a narrativa esclarece, *Batendo às portas* e o *Livro do fruto Divino* (Id. Ibid. p. 12).

A personagem Abrão Zarco, embora fictícia, é indicada, hipoteticamente, como um possível autor de narrativas, tomadas como anônimas. Tal atributo reforça o caráter verossímil ao cabalista, reiterado com a referência a escritores que de fato existiram:

Vários outros relatos mais superficiais do pogrom chegaram até nós (incluindo um de Salomão Ibn Verga mencionado por Berequias), e não pode haver dúvidas quanto à veracidade histórica da crônica de Berequias. Todos os principais acontecimentos de sua narrativa foram corroborados por relatos contemporâneos. Muitas das pessoas citadas, como Didi Molcho, Dom João Mascarenhas e Isaac Ibn Faraj, são conhecidas tanto por suas obras como por documentos da Igreja e da Coroa portuguesa (ZINLER, 2007, p.12).

A afirmação de que o leitor não pode ter dúvidas quanto à verdade dos fatos, é mais um recurso de estabelecimento de contrato com o leitor. Esses relatos encontrados não devem representar dúvidas porque, conforme o autor, têm suas corroborações em documentos da Igreja e da Coroa Portuguesa. Duas instituições, que representam a fé e a lei, e, historicamente; a obediência e opressão. Ironicamente foram as duas instituições responsáveis pelo massacre de 1506.

Outra estratégia bastante perspicaz do escritor Zimler é afirmar que encontrou várias seções dos manuscritos de Berequias, desordenados, cabendo a ele reorganizá-los e, e, reitera que *OUCL* é “mais do que uma tradução”, uma vez que ele reproduzira, fielmente, a história de Berequias. A esse propósito, não é por acaso a advertência explícita aos leitores: “alguns leitores menos familiarizados com a literatura sefardita e cristã - nova do século XVI poderão estranhar o fato de eu reproduzir a história de Berequias sob a forma de mistério e usar a linguagem coloquial. Berequias Zarco é, porém, assim como vários de seus contemporâneos, um autor moderno, tanto na visão como no estilo” (Id. Ibid. p. 12).

Essa simulação é uma forma de atribuir, a essa personagem, responsabilidade pelos dizeres. A voz testemunhal terá mais legitimidade de trazer à memória, os fatos grotescos da história. Percebe-se aqui um magnífico jogo autoral:

Ao contrário dos romances picarescos, porém, o tom de Berequias quase nunca é irônico e jamais burlesco. Ademais, seu personagem principal – ele próprio – não é vilão nem herói, mas simplesmente o que Berequias Zarco deve ter sido: um jovem inteligente e confuso, que fazia iluminuras de manuscritos, vendedor de frutas e cabalista; um jovem deprimido pelo assassinato de seu tio. [...]. Apesar de O último cabalista de Lisboa ser mais do que uma tradição, mantive-me rigorosamente fiel ao conteúdo do texto de Berequias, a não ser em dois aspectos quando ele inclui extensas recitações de orações e de cânticos, e quando faz digressões com vistas a demonstrar as enigmáticas teses espirituais relacionadas à cabala.[...] creio que isso também não altera de modo fundamental a obra de Berequias, e a estrutura revisada que adotei certamente fará mais sentido para o leitor moderno [...] assim espero, fiel ao espírito do autor.[...] De modo geral, procurei o equilíbrio entre linguagem contemporânea e o uso ocasional de uma ou outra palavra ou frase mais antiga. No conjunto, a obra permanece, assim espero, fiel ao espírito do autor (Id. Ibid. p. 13).

Para reforçar esse jogo autoral, o narrador<sup>6</sup> apresenta Berequias e o seu estilo de escrita, para afirmar que a escrita não é do Zimler, e sim do Berequias, e por outro lado, traz uma concepção de leitor moderno, porque assegura querer contemplá-lo com uma linguagem mais contemporânea e uma estrutura mais moderna.

Outra questão significativa é a hipótese desse narrador, em relação à história dos livros hebraicos na Ibéria. Ele apresenta a possibilidade de a Bíblia Kennicott<sup>7</sup>, que hoje pertence à Biblioteca Bodleian na Universidade de Oxford, ser a Torá que Berequias encontrara na genizá de Abraão. Essa hipótese tem a fundamentação desse narrador: “Sua referência às letras em forma de animal e a Isaac Bracarense (tratando-se, sem dúvida, de Isaac de Braga,

<sup>6</sup> Quando falo de narrador, deve se considerar a voz que narra os fatos na Nota do Autor. Por enquanto não é o personagem Berequias.

<sup>7</sup> A Bíblia Kennicott, de fato existe. Foi escrita e iluminada na Espanha medieval. Maiores informações, sugiro conferir: <http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=http://www.facsimile-editions.com/en/kb/&sa=X&oi=translate&res>

para quem o manuscrito foi ilustrado) parecem apontar para essa direção. [...] Talvez tenha de fato sido salva por Abraão e Berequias Zarco” (ZINLER, 2007, p. 14).

Além desses mistérios históricos, o narrador considera que OUCL é, “em, uma espécie de quebra-cabeças.”, por isso, lança as perguntas: “Por que terá sido escondido no porão de Ayaz Lugo? Como não foi mencionado nos manuscritos judaicos da época? Nunca terá sido publicado?” (Ibid. p 14). Esse narrador, para imprimir a verossimilhança, apresenta-nos cinco respostas hipotéticas<sup>vii</sup>, a essas perguntas. Há que se destacar a hábil atribuição dessas explicações à Professora Ruth Pinhel da Universidade de Paris, alguém que representaria a voz científica, por isso, indubitável.

Por fim o narrador defende que provavelmente esses manuscritos tenham sido ocultados para serem protegidos durante o período nazista, e lembra que os cristãos novos emigraram nos séculos XVI, XVII e XVIII, sobretudo para a Turquia, Grécia, Norte da África, Países Baixos e Itália. Como os manuscritos não foram mencionados no testamento de Lugo, o narrador conjectura que talvez esse judeu desconhecesse a existência desses manuscritos e, que possivelmente, fora ocultado por seus pais.

A *Nota do Autor* finaliza com agradecimentos a pessoas, as quais não sabemos da existência real, e com a afirmação de que a publicação de OUCL é em memória de Berequias Zarco, família e amigos. A mistura de elementos históricos a ficcionais não inclui somente os fatos em si, mas as próprias personagens da narrativa central e dos textos de margem. Essa sessão deve ser lida conscienciosamente para percebemos o jogo autoral, a arquitetura do livro, uma vez que o próprio narrador, nessa nota, já sinaliza para o leitor sobre a importância da estruturação da obra.

De modo inclusivo, uma leitura arguta deve ser feita a partir da expressão *Nota do Autor*: prontamente podemos questionar quem é esse autor. A esse propósito, é oportuno dialogar com Michel Foucault (1992) em *O que é o autor*, texto no qual esse filósofo assevera que a função-autor é antes uma função discursiva, marcada histórico-socialmente, dissociada da idéia de “nome próprio”, ou seja, essa função-autor circularia de maneira diferente do nome próprio, é uma proposta de recusa do gesto biográfico, em favor de uma escrita ligada ao sacrifício, isto é: “ao sacrifício da própria vida: o apagamento voluntário que não tem de ser representado nos livros, [...] esta relação da escrita com a morte manifesta-se também no apagamento dos caracteres individuais do sujeito que escreve; [...] ele retira a todos os signos a sua individualidade particular” (FOUCAULT, 1992, p. 36).

Dessa forma, Foucault ressalta que a função da crítica é analisar a “obra” na sua estrutura, arquitetura, no jogo das suas relações internas, isto é, a crítica não deve estabelecer relações imediatas entre a obra e o autor. No entanto, a “obra” deve ser relacionada à noção de escrita como mecanismo que, ao dispensar a referência ao autor, *desse estatuto à sua nova ausência*. (Id. Ibid. p.39), demarcando o gesto de escrever, as condições da criação e condições do espaço onde o texto se dispersa no tempo, ou seja, trata-se, sim de localizar o espaço deixado vazio pelo desaparecimento do autor, seguir de perto a repartição das lacunas e das fissuras e perscrutar os espaços, as funções livres que esse desaparecimento deixa a descoberto (Id. Ibid. p. 41).

Ao propormos analisar a arquitetura do texto *OUCL*, na sua estrutura e relações internas; estamos na defesa de que essa organização textual é extremamente importante para se estabelecer os jogos autorais e, é – engenhosamente - nas suas “lacunas” / “fissuras”, que o autor se re (vela), no sentido de que esconde - e aparece ao mesmo tempo, sem que possamos delimitar um movimento e outro.

Na esteira de Foucault, podemos dizer que o nome Richard Zimler é uma função autor, marcadora de filiação, de singularidade, propiciadora da circulação de textos, é estabelecida pelo crivo da crítica, que deve autenticá-la, aceitá-la ou não; não traz marca da individualidade, mas a pluralidade de eus.<sup>viii</sup>

Essa pluralidade de eus (elemento constitutivo da função autor) é bastante apreensível, em *OUCL*, por se tratar de um Romance histórico, que “dá voz à memória coletiva”, aos injustiçados da História. Dessa forma há que se observar a escolha de Berequias Zarco para narrar os fatos; uma voz testemunhal, que representará a voz da coletividade, daqueles que vivenciaram alguma experiência de trauma.

No entanto não se deve considerar *OUCL* como um romance - testemunha, apesar de possuir características desse gênero, como a questão do relato e a tentativa de desfazer o indizível, como algo inerente somente àquele que vivenciou o trauma; não podemos nos esquecer que estamos diante de uma personagem ficcional, tão bem arquitetada por Zimler, por ser a simulação da voz testemunhal. A esse propósito é digno de nota o que Roney Cytrynowicz (2003) problematiza sobre a memória, a importância da voz direta, na relação com a não - espetacularização:

Em um momento em que estamos diante da possibilidade de não termos mais a voz direta, viva, dos sobreviventes, é preciso resguardá-los da exploração que os torna espetáculo de um apaziguamento e de uma intensa exposição para fins políticos em um mundo que apazigua sua má consciência dos atuais crimes celebrando a memória dos crimes passados. A memória do sobrevivente precisa, mais do que

nunca, ante um mundo que a celebra como espetáculo, ser amparada e ter uma sólida e consistente moldura da história (CYTRYNOWICZ, 2003, p. 138).

Reflitamos, também, sobre o fato de os manuscritos de Berequias estarem escondidos: podemos ler esse fenômeno como uma alegoria da ocultação da História, uma imposição do silêncio, questões tão presentes na história das civilizações e suas facetas de barbárie. No entanto, aquilo que está ocultado, silenciado, também está em estado de latência, vêm à tona a qualquer momento, a qualquer escavação. Os espectros, fantasmas, ruínas, vozes surgem com seu poder de visibilidade.

Ao se pensar a questão da voz, outra reflexão importante está na sessão intitulada *Prefácio*, cuja voz e assinatura são de Berequias Zarco. A escrita desse manuscrito, para Berequias, mais que um exercício de alívio para a alma, era a sua missão. Após uma visão, sente que o tio Abraão convoca-o a voltar para Lisboa, em um voto de sacrifício para “ajudar a aliviar o sofrimento do mundo” (ZINLER, 2007p. 21). O retorno a Portugal, significa revisitar a memória e firmá-la contra o esquecimento. E qual seria a função da escrita de Berequias? Esse narrador já tem a sua resposta:

Mas, enquanto gravo caracteres hebraicos neste pergaminho polido, compreendo que o que mais me seduz é a possibilidade de ser ouvido ao longo de décadas que virão, por muitas pessoas ainda sem nome – meus netos ainda não nascidos e os de minha irmã Cinfa. A todos os nossos descendentes eu digo: leiam esta história e saibam por que seus antepassados deixaram Portugal; saibam do grande sacrifício que meu mestre fez por vocês; [...] Para assegurar sua sobrevivência, sua memória deve se agarrar a tais acontecimentos como uma criança órfã (Id. Ibid. p. 23).

A escrita, ainda assim, representará a incapacidade de simbolizar o choque, os traumas vividos, por isso é preciso voltar à “cena do crime”, como um movimento de repetição, assim sendo a linguagem será um substituto imperfeito, assinalado pela incompletude, pela necessidade de compreensão do ocorrido. Desse modo, ainda nessa sessão, Berequias afirma que a história deve ser lida como uma denúncia, uma advertência e uma resposta para a compreensão do porquê os judeus não devem mais se estabelecer na Europa Cristã. E reitera: “Houvesse eu me negado a escrever, houvesse permitido que a memória se esvaísse em tépido silêncio, a morte de todos vocês estaria também em minhas mãos” (ZINLER, 2007, p. 23).

Berequias tem, então, a função de conectar passado e presente, através da memória e materialização do manuscrito; revisitando dúvidas e incertezas:

Será que só compreenderei as mais sutis conexões entre o passado e o presente depois de terminar meu manuscrito? Um sorriso brota diante dessa possibilidade, que ameniza um pouco minhas dúvidas; é como se meu tio exigisse de mim um dia e

uma noite de trabalho terreno antes de me presentear com o último reduto de seu significado celeste! Então vou adiante (Id. Ibid. p.24).

Conforme Andréas Huyssen (2000), os “passados presentes”, a emergência da memória, a partir da década de 80, fazem parte da experiência e sensibilidade do homem. E a relação imbricada do tempo e o espaço passam a ser elementos complexos, contingentes da percepção histórica e cultural na contemporaneidade. Por sua vez, compõem os processos revisionistas e movimentos para se evitar a perda da consciência histórica, em um mundo globalizado. E, por outro lado, o revisitar a memória é uma tentativa de curar as feridas provocadas pelo passado, para garantir um tempo presente e futuro de qualidades.

No entanto, para Huyssen, na esteira dos estudos freudianos, a memória está ligada ao esquecimento, isto é, “a memória é apenas uma outra forma de esquecimento<sup>8</sup> e que o esquecimento é uma forma de memória escondida” (HUYSSSEN, 2000, p. 18). Esse crítico questiona, ainda, se é o medo do esquecimento que instaura o desejo de lembrar ou se seria o contrário: “É possível que o excesso de memória nessa cultura saturada de mídia crie uma tal sobrecarga que o próprio sistema de memórias fique em perigo constante de implosão, disparando, portanto, o medo do esquecimento?” (Id. Ibid. p. 19). Para responder a essa questão, Huyssen traz uma hipótese de que necessitamos lembrar, para nos ancorarmos em um mundo que é marcado pela “crescente instabilidade do tempo e pelo fraturamento do espaço vivido” (Id. Ibid. p 20).

É válido lembrar que o massacre de 1506 ficou como que apagado da memória coletiva, um pedaço de vergonha esquecida; pouco mencionado nos livros de história. Nesse escopo da necessidade da lembrança, tal qual um arqueólogo, Zinler promove uma profunda pesquisa para criar suas personagens e toda ambientação, a fim de que, via literatura, texto contemporâneo, em diálogo com a história, o leitor mais arguto possa exercitar o lembrar e o não-esquecer.

Em OUCL, Zinler, lança uma pergunta: Por que o livro deve ser escrito? A resposta vem pela sua personagem Berequias, no terceiro livro, capítulo 21:

Suas mãos estão tateando a verdade. Acho que o tio suspeitou que apenas o pesadelo de sua mente faria **com que eu escrevesse o livro que lêem agora**: que sua partida violenta do Reino Inferior poderia fazer-me perceber que nosso futuro, na Europa, estava acabado. Que a mais terrível tragédia, poderia convencer-me a implorar a todos os judeus - todos, cristãos novos ou não - que se mudassem para um lugar

---

<sup>8</sup> Márcio Seligmann-Silva (2003) também afirmará que a memória e o esquecimento estão imbricados, e acrescenta que a modalidade da memória da catástrofe faz parte de longa tradição no judaísmo, sendo que a própria religião judaica é estruturada no culto da memória pelos rituais, pela torá, através dos seus textos midrachísticos que são acrescentados para preencher os espaços abertos do texto/da história.

onde estaríamos livres da Inquisição e de quaisquer outros horrores que os reis cristãos poderiam sonhar para nós [...]. Não posso colocar a sobrevivência dos judeus nas mãos de reis europeus que, frequentemente, demonstraram não ter senso de justiça (ZINLER, 2007, p. 384-385) (grifos meus).

Zinler, mais uma vez, “responsabiliza” Berequias pelo escrito, conforme pode ser observado trecho grifado; e, responde às indagações anteriores sobre a necessidade do livro como uma explicação, uma busca de compreensão dos fatos. Importante ressaltar, que na *Nota do autor*, há um lembrete de que o terceiro livro, o capítulo 21, pode ser lido como um posfácio. E o que é um posfácio?

É um texto periférico, um adendo, explicação ou advertência colocada no fim de um livro, depois de pronto. E, nesse posfácio, há uma explicação necessária:

o mais importante, creio eu, é que ele se sacrificou pelas gerações por vir, para forçar minha mãe e Reza – e toda a família – a sair de Portugal, para assegurar que nossa família criasse raízes seguras em outra terra: uma terra que aceitaria os judeus sem máscaras. [...] Por melhor ou pior que fosse, ele concluiu que nossa família, nosso povo, tinha alcançado um terrível impasse, e que sua morte nos obrigaria a enfrentá-lo (Id. Ibid. p. 383).

O capítulo XXI, também chamado terceiro livro, de fato, se apresenta como explicação, adendo e advertência, uma vez que, Berequias reconhecerá, nesse posfácio, que o livro é uma exortação, uma advertência, um convite contundente ao povo judeu a romper as fronteiras da Europa:

Como disse bem no começo, esta é uma história de exortação. **Vocês, que lêem estas palavras**, sendo judeus ou cristãos-novos, sefaraditas, asquenazes, se as fronteiras da Europa ainda os cercam, vocês estão correndo grande perigo [...] e de nosso espelho sangrador verterá sangue como nunca se viu antes.[...] É por isso que o tio me apareceu agora; a matança está apenas começando. Os reis europeus e seus bispos odiosos sempre sonharão conosco, e nunca lhes permitirão sair, ou a seus filhos.[...] eles virão para seus descendentes [...] Esse é o significado, para mim, da morte do tio. Então tirem suas máscaras, virem-se em direção a Constantinopla e Jerusalém, e comecem, a andar.

**Varram os cristãos da Europa e de seus corações e jamais olhem para trás!**

Benditos sejam todos os auto-retratos de Deus! (ZINLER, 2007, p. 386-387) (grifos meus).

A convocação para Constantinopla e Jerusalém, o “começar a andar” pode ser entendido como um convite ao povo judeu viver a sua história, buscar sua origem, não vestir a roupagem de outro povo, resgatar os laços culturais e a solidariedade, isto é, fazer a sua própria história, de preferência uma nova história.

Esse convite se apresenta desde o início de OUCL; ao se observar o prefácio e o posfácio, especialmente; o começo parece se emendar com o fim, fechando-se num ciclo. Revista Literatura em Debate V.3, n.4, p. 74-89,2009

Essa imagem seria o destino do povo judeu, sempre à procura do “paraíso perdido”, na contínua repetição de uma história de errância? Infelizmente a resposta é ainda positiva, por isso, a exortação de Berequias/Zinler ainda é válida. Ela é um vaticínio comprovável, porquanto a intolerância, a violência sempre esteve, e ainda está no cerne das civilizações.

Por isso é sempre louvável a apresentação do lado esquecido, escondido, sublimado ou equivocado da história, para se tomar consciência do passado; de modo a lançar perspectivas à realidade e ao futuro. A escrita, os testemunhos, os livros existem para isso. Mas, ainda assim, infelizmente, há que se persistir na seguinte preocupação: “sobreviverão nossos livros aos séculos, ou terá sido vã a batalha” (ZINLER, 2007, p. 387).

### **Considerações finais**

Berequias Zarco funciona como elemento da transição, aquele que substituirá o texto sagrado, por um texto novo, é a transição do teocentrismo para o antropocentrismo: “Estamos realmente entrando numa nova era – pensei. Será um mundo definido por textos históricos, e não pelas obras de Deus. Os rabinos e os cabalistas se tornarão obsoletos” (Id. Ibid. p. 127). Os textos históricos, o próprio manuscrito de Berequias, o texto literário podem representar, nessa contemporaneidade, as novas possibilidades de “ler o mundo”, de re - interpretar a memória, a História.

Dessa feita, a morte de Abraão Zarco, pode ser lida como uma alegoria da morte do texto sagrado, por isso também o título *o último cabalista de Lisboa*. Faz-se necessário algo morrer para dar subsequência ao novo, para que as novas paisagens possam ser percebidas e sentidas. Berequias Zarco representará essa concepção/percepção do novo, porquanto sinaliza: “Uma nova paisagem está se formando, um campo secular que nos servirá de refúgio às margens flamejantes da religião. Por enquanto podemos sentir apenas um leve sopro disso. Mas está a caminho. E não há nada que os cristãos velhos possam fazer para impedir que nos refugiemos nele” (Id. Ibid. p. 269).

A morte de Abraão Zarco, dos demais judeus e criptojudéus, podem ser consideradas como uma metáfora das demais tensões de base religiosa, política, econômica, étnica, entre os povos, na remota e recente História das civilizações. Concordaremos, na esteira de Benjamin, com Sérgio Paulo Rouanet (1984), no aspecto de que:

a morte não é apenas o conteúdo da alegoria, e constitui também o seu princípio estruturador. Para que um objeto se transforme em significação alegórica, ele tem de ser privado de sua vida. [...]. O alegorista arranca o objeto de seu contexto. Mata-o. E obriga a significar. [...] Nas mãos do alegorista, a coisa se converte em algo de

diferente, transformando-se em chave para um saber oculto. Para construir a alegoria, o mundo tem de ser esquadrejado. As ruínas e fragmentos servem para criar a alegoria. [...] os personagens morrem não para poderem entrar na eternidade, mas poderem entrar na alegoria. [...] Para poder construir a alegoria da morte, o alegorista usa a morte [...] Como conteúdo e como meio, a morte está no cerne da alegoria e no cerne da história (ROUANET, 1984, p. 40).

Destarte o papel do crítico, na contemporaneidade, enquanto detentor de saberes, conhecimentos, é também o de um agente humanitário, ético, na recepção e validação de textos, que apareçam no mercado. O crítico e o leitor, de modo geral, devem romper com preconceitos de gênero, reconhecendo, os textos novos que têm a propriedade geradora de futuro, ou seja, a qualidade de proporcionar releituras, re-interpretações humanitárias, dotadas de princípios que norteiem às reflexões favoráveis a plenitude da vida humana, aos valores éticos, à justiça e à integridade humana. Há que se concordar com Nely Richards (2002), sobre o fato de que o grande desafio da crítica:

é saber como lembrar o passado – suas rupturas e seus destroços – para que não desapareça o tremor da expressão, que circunda a expressão sobressaltada do golpe e seu trauma, e, ao mesmo tempo, para que os exercícios coletivos de fazer memória continuem tecendo esse passado de lutas com novas forças de sentido, animadas por leituras críticas geradoras de futuro (RICHARDS, 2002, p. 194).

*O Último cabalista de Lisboa* é indubitavelmente um romance que permite uma leitura geradora de futuro, pois conclama a uma resposta, a novas solicitações discursivas para o entendimento crítico que envolve a história das civilizações, marcadas pelas intolerâncias, pela violência, pelos traumas. O romance é uma forma alternativa de recontar a História grotesca, silenciada, mas que é repetida continuamente, sob diversas formas. Por isso o livro “termina” com uma formulação de uma hipótese “dura”, mas infelizmente pertinente: o constante perigo iminente da catástrofe, elemento presente nas nações, como algo latente que pode retornar. O autor não apresenta uma solução, mas já gera futuro ao proporcionar o “olhar” para o passado, a fim de se pensar um presente motivado por relações mais ecológicas e mais humanitárias.

*ABSTRACT: We intended to examine the architecture of Richard Zinler's The Last Kabbalist of Lisbon and the contracts established with the reader, as elements that make up authoral games to question the memory in its relation with death, an allegorical element which sets up meanings. For this project, we rely on Michel Foucault's discussions on authorship, and seek the contributions from Walter Benjamin, Huyssen, Márcio Seligmann-Silva and other authors. We also problematize the historical context for the massacre of the Jews in 1506, and the way by which the past is incorporated in the writing of this American writer.*

*KEYWORDS: The Last Kabbalist of Lisbon. Authoral Games. Textual Architecture. Memory.*

## REFERÊNCIAS

- ANTI-SEMITISMO, 2008, P. 1-3. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Anti-semitismo>>. Acessado em 14 jun. 2008.
- CYTRYNOWICZ, Roney. *O silêncio do sobrevivente: Diálogo e rupturas entre memória e História do Holocausto*. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org). *História, memória, literatura: O Testemunho na Era das catástrofes*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *Aula de 7 de janeiro de 1976*. In: *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *O que é o autor*. Trad. António Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Passagens, 1992.
- HUYSSSEN, Andréas. *Seduzidos pela memória*. In: *Passados Presentes: mídia, política, amnésia*. Trad. Sérgio Alcides, 2000, p. 9-41.
- MASSACRE DE LISBOA DE 1506. 2008 p. 1-3 Disponível em: [pt.wikipedia.org/wiki/massacre\\_de\\_Lisboa](http://pt.wikipedia.org/wiki/massacre_de_Lisboa). Acessado em 14 jun. 2008.
- RATTER, Henrique. *Israel e os judeus no mundo*, IN: *Revista Espaço Acadêmico* – n 33. Fevereiro de 2004. ISSN 1519.61286. Disponível em: [http://www.espacoacademico.com.br/033/33ip\\_rattner.htm](http://www.espacoacademico.com.br/033/33ip_rattner.htm). Acessado em 26/03/2008
- RICHARD ZIMLER, 2008, P1-2. Disponível em: <<http://www.zimler.com/?id=3&det=1><[www.stormmagazine.com/novodb/arqmais.php?id=14r&sec=&secn=/](http://www.stormmagazine.com/novodb/arqmais.php?id=14r&sec=&secn=/)>. Acessado em 14 jun. 2008.
- RICHARDS, Nely. *Saberes de mercado e crítica da cultura*. In: RICHARDS, Nely. *Intervenções críticas: arte, cultura, genro e política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p. 188-206.
- ROUANET, Sergio Paulo. *Origem do drama barroco alemão*. Apresentação. In: BENJAMIN, Walter. *Origem do drama Barroco Alemão*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação da questão - A literatura do Trauma. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *História, memória, literatura: o testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas: UNICAMP, 2003.
- SOBRE OS JUDEUS EM PORTUGAL 2008, p. 1-3. Disponível em <[http://wikipedia.org/wiki/judeus\\_em\\_Portugal](http://wikipedia.org/wiki/judeus_em_Portugal)>. Acessado em 14 jun. 2008.
- ZINLER, Richard. *O último cabalista de Lisboa*. Trad. Fernando Klabin. Adap. Português do Brasil: Sílvia Kaczan. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.

<sup>i</sup> Richard Zinler é de New York (1956), escritor norte-americano, naturalizado Português. É formado em religião Comparativa pela Universidade de Duke (1977), mestre em jornalismo pela Universidade de Stanford (1982). Trabalhou durante oito anos como jornalista, na Baía de São Francisco. Em 1990, muda-se para o Porto, Portugal; onde vive atualmente. É professor de jornalismo, na Universidade do Porto, publicou diversos romances, bestsellers, publicados em diversos países.

<sup>ii</sup> Os precedentes a que me refiro são os eventos históricos, envolvendo a chegada dos Judeus à Península Ibérica, e tudo que antecede o evento da Matança da Páscoa de 1506, a saber: a chegada dos Judeus na Península Ibérica ocorre em 70 d.C. quando o Império Romano conquista e destrói Jerusalém. Grande contingente de judeus busca a Península Ibérica, na região, que futuramente constituiria Portugal. Com o advento do cristianismo, as leis  
 Revista Literatura em Debate V.3, n.4, p. 74-89,2009

discriminatórias são aprovadas. A partir da invasão dos romanos e depois dos bárbaros visigodos na Península em 409 d.C., os judeus foram forçados a se converterem, seguido da proibição de casamentos mistos (entre cristãos e judeus. Em 611 d.C., quando os Mouros tomam a Península, são considerados os libertadores dos judeus, e estabelece-se certa tranqüilidade, que é rompida quando os cristãos reconquistam a Península, a partir de meados do século XV.

No entanto, há que se ressaltar que, na Espanha em 1355, 12 mil judeus foram mortos, vítimas de perseguições religiosas, chegando a 50 mil em 1391. Com receio dessas ações inquisitórias, em 1478, muitos judeus, na Espanha, se converteram ao catolicismo e outros se refugiaram em Portugal. Em 1492 foi decretada, na Espanha, a expulsão dos judeus, que em Portugal passaram a constituir, cerca de um quarto da população.

Dom João II, numa visão de lucro, cobra dois escudos a cada imigrante, a fim de que estes pudessem permanecer em Portugal por oito meses. Como não havia navios suficientes para serem, todos, transportados; foram vendidos como escravos, as crianças entre 2 e 10 anos foram levadas dos pais, batizadas e conduzidas, violentamente, para colonizar a Ilha de São Tomé e Príncipe.

Com a ascensão de Dom Manuel e o anúncio de seu casamento com a princesa Isabel da Espanha, os judeus ficam temerosos, uma vez que uma das cláusulas do contrato de casamento incluía a expulsão dos judeus e mouros do território português. O Rei Dom Manuel precisava dos capitais e conhecimentos técnicos dos judeus, a fim de garantir o projeto desenvolvimentista de Portugal. Então em 5 de dezembro de 1496 assinou o contrato de expulsão dos “hereges”, permitindo àqueles que se convertessem a permanecer em Portugal. No entanto, essa estratégia não impede a fuga dos judeus. O rei manda fechar os portos, exceto o do Porto de Lisboa, por isso, um local em que se concentraram muitos judeus. Em abril de 1497, o Rei seqüestra crianças dos judeus para serem criadas por famílias cristãs. Dos batismos forçados surgiram os marranos ou criptojudeus, que publicamente professavam o catolicismo, mas às escondidas, praticavam o judaísmo. Os cristãos-novos nunca foram bem-aceitos pelos cristãos velhos.

<sup>iii</sup> O início da matança no Mosteiro de São Domingos, no dia 19 de abril de 1506, ocorre em um domingo quando os fiéis rezavam pelo fim da seca e da peste que vitimavam os portugueses. Um dos fiéis afirma ter visto um rosto do cristo, iluminado, sob o altar, fenômeno interpretado pelos católicos como um milagre. Um cristão-novo discorda, dizendo que era o reflexo do sol. Os fiéis reagiram, espancando-o até a morte. A partir desse episódio os judeus tornaram-se bode expiatório da seca, fome e peste, que dominavam Portugal. Incitados pelos padres Dominicanos, homens, mulheres e crianças foram torturadas, massacrados, violados e queimados em fogueiras improvisadas no Rossio. Cf. [www.geocities.com/brasilsefared/progron.htm](http://www.geocities.com/brasilsefared/progron.htm). ; ou ainda <http://ruadajudiaria.com/>

<sup>iv</sup> A título de exemplificação, veja como o episódio fora retratado por esse cronista: Damião de Góis. In: *Chronica do Felicíssimo Rey D. Emanuel da Gloriosa memória (1566-1567)*:

“No mosteiro de São Domingos existe uma capela, chamada de Jesus, e nela há um Crucifixo, em que foi então visto um sinal, a que deram foros de milagre, embora os que se encontravam na igreja julgassem o contrário. Destes, um Cristão-novo [julgou ver, somente], uma candeia acesa ao lado da imagem de Jesus. Ouvindo isto, alguns homens de baixa condição arrastaram-no pelos cabelos, para fora da igreja, e mataram-no e queimaram logo o corpo no Roce. [...]. Juntos mais de quinhentos, começaram a matar os Cristãos-novos que encontravam pelas ruas, e os corpos, mortos ou meio-vivos, queimavam-nos em fogueiras que acendiam na ribeira [do Tejo] e no Rossio [...] ajudavam-nos escravos e moços portugueses que, com grande diligência, acarretavam lenha e outros materiais para acender o fogo. [...]. A esta turba de maus homens e de frades que, sem temor de Deus, andavam pelas ruas concitando o povo a tamanha crueldade, juntaram-se mais de mil homens [de Lisboa] da qualidade [social] dos [marinheiros estrangeiros], os quais, na segunda-feira, continuaram esta maldade com maior crueza. [...], foram assaltar as casas onde viviam e arrastavam-nos para as ruas, com os filhos, mulheres e filhas, e lançavam-nos de mistura, vivos e mortos, nas fogueiras, sem piedade. E era tamanha a crueldade que até executavam os meninos e [as próprias] crianças de berço, fendendo-os em pedaços ou esborrachando-os de arremesso contra as paredes [...]. E não esqueciam de lhes saquear as casas e de roubar todo o ouro, prata e enxovais que achavam. [...] estes danados homens prosseguiram em sua maldade, mas não tanto como nos dias anteriores; já não achavam quem matar, pois todos os Cristãos-novos, escapados desta fúria, foram postos a salvo por pessoas honradas e piedosas, [contudo] sem poderem evitar que perecessem mais de mil e novecentas criaturas.” Cf. [www.laicidade.org/documentacao/textos-historicos/progron-dominicanos-Gois/](http://www.laicidade.org/documentacao/textos-historicos/progron-dominicanos-Gois/)”.

<sup>v</sup> A esse propósito observe “depoimento” de Berequias Zarco: “Quando pensei pela primeira vez em traçar nossas atribuições numa página manuscrita, minha família e eu estávamos escondidos no porão de nossa casa. O mistério acabava de se abrir diante de mim em toda a sua complexidade. Foi nesse ponto que iniciei minha história, há vinte e três anos. E nele começaremos de novo” (ZINLER, 2007, p. 24).

<sup>vi</sup> As expressões “sujeitado” e “saber singular” foram utilizadas pensando-se na voz de Berequias Zarco, e do próprio lugar do Escritor Zinler, um descendente judeu. É válido mencionar que tomo de empréstimo as expressões de Michel Foucault, para o qual os saberes sujeitados são uma série de saberes que foram desqualificados pela crítica, considerados insuficientemente elaborados, ingênuos, hierarquicamente inferiores, que não tem nada a ver com o senso comum; os saberes de baixo, que ganham força por serem o saber histórico

---

das lutas, que rompem com “a tirania dos discursos englobadores com sua hierarquia e com todos os privilégios das vanguardas teóricas.” Cf. FOUCAULT, Michel. Aula de 7 de janeiro de 1976. In: Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976). Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 12-13,

<sup>vii</sup> As hipóteses são as seguintes:

- 1- Os exemplares poderiam ter sido queimados e ou apreendidos se fossem publicados, uma vez que Berequias fazia uma depreciação dos cristãos velhos e convoca os judeus e cristão-novos para deixarem a Europa.
- 2- Os judeus e cristão-novos (detentores de um patrimônio espiritual emocional ou financeiro, ou seja, “os bem-estabilizados”) poderiam igualmente desejar a eliminação dos textos.
- 3- gostar das questões sobre sexo e cisma (enfocados por Berequias)
- 4- O próprio Berequias poderia eliminar seus textos por medo da excomunhão.
- 5- Líderes conservadores (cabalistas e autoridades rabínicas), líderes judeus conservadores poderiam não “Talvez Berequias tivesse sido morto ao tentar retornar a Portugal e salvar sua prima Reza. [...] só tendo sobrevivido os escritos que permaneceram em sua casa em Constantinopla. ” p. 15
- 6-

<sup>viii</sup> A função autor está ligada a um sistema jurídico e institucional para articular o universo dos discursos, não é exercida da mesma maneira, nem uniformemente em todas as épocas e sobre todos os discursos. Não se define pela atribuição do discurso ao ser produtor, não reenvia para um indivíduo, mas para uma pluralidade de “eus” simultâneos e para várias posições-sujeitos ocupadas por classes diferentes.